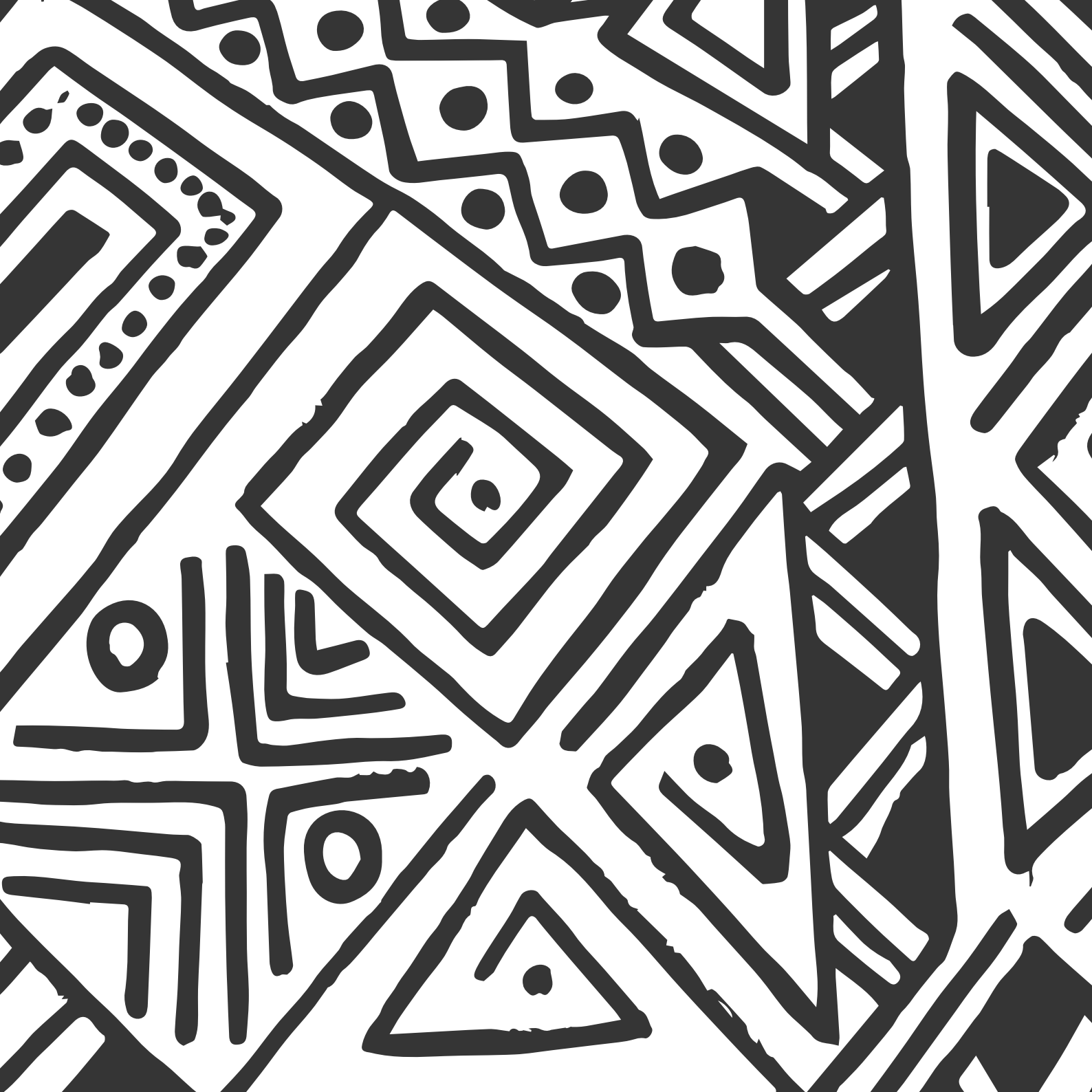


Turismo Social  
Terra Indígena  
**Araçá**





Turismo Social  
**Terra Indígena**  
**Araçá**  
**araçá**

Boa Vista, agosto/2019

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO – CNC

Presidência do Conselho Nacional  
José Roberto Tadros

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC

Diretor-Geral do Departamento Nacional  
Carlos Artexes

DEPARTAMENTO REGIONAL EM RORAIMA

Presidência do Conselho Regional  
Ademir dos Santos

Direção do Departamento Regional – Sesc  
Lisiane Gassner Carnetti

PESQUISA, TEXTO E FOTOGRAFIAS  
Cadu de Castro

MEDIADORA  
Sabrina Viana

PUBLICAÇÃO

Projeto Gráfico  
Rafael Oliveira

Comunidade Indígena Araçá

Primeiro Tuxaua  
Rosildo de Lima Marques

Segundo Tuxaua  
Ozeas Ribeiro Marques

Coordenadora Regional da OMIR  
Odete Barroso Tenente

Comunidade Indígena Mangueira

Primeiro Tuxaua  
Carlos Augusto Gomes da Silva

Segundo Tuxaua  
Ailton da Silva

Coordenador do Projeto Semente das Artes  
Elton Taurepang

Comunidade Indígena Guariba

Primeiro Tuxaua  
Jadir Tavares Santiago

Professora  
Josiany Pereira da Silva





Não é olhando no espelho que nos enxergamos, que vemos quem somos, mas quando nos deparamos com o OUTRO.



“A verdadeira viagem não está em sair à procura de novas paisagens, mas em possuir novos olhos”, escreveu Marcel Proust, propondo um outro olhar para o ato de viajar, em que se valoriza a vivência e se descortina a perspectiva de se **EDUCAR** por intermédio do turismo.

É com este pensamento que o **Sesc** desenvolveu roteiros em parceria com comunidades indígenas. Mais do que visitar lugares, a ideia é conhecer pessoas, seus saberes, seus fazeres, sua forma de interpretar e se portar no mundo.

Vivenciar uma cultura diferente da nossa, expande o nosso olhar para o mundo. Afinal, ao vivenciarmos e compreendermos os saberes, os fazeres, os valores e os hábitos de outra comunidade, distintos dos nossos, transformamos o nosso olhar e passamos a valorizá-los. Enfim, **EDUCAMO-NOS**.

E quanto mais sabemos do lugar que visitamos, quanto mais conhecemos da cultura local, melhor será a nossa experiência. Por isso, preparamos para você este caderno. Queremos compartilhar informações e, juntos, construirmos o conhecimento por intermédio desta atividade de turismo.

Portanto, propomos uma viagem que desperte os sentidos, numa experiência de troca e comunhão. E que, ao final, de espírito aberto, todos se transformem pelos conhecimentos adquiridos e pelas relações pessoais estabelecidas. Isto é “possuir novos olhos”. Isto é **EDUCAR-SE**.

# Viagem

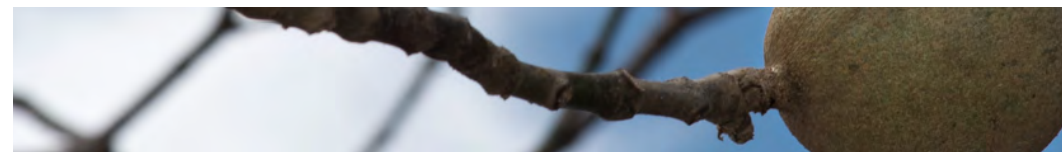


# Para a melhor

É preciso respeitar o ambiente e as pessoas do local. Seja cuidadoso com o lixo que produzir e não tire nada da natureza.

É preciso respeitar a cultura local, adequar-se às regras da comunidade e observá-las atentamente.

# experiência



É preciso respeitar a cosmogonia, a fé e as histórias das comunidades, ainda que não compartilhe delas.

Antes de fotografar pessoas e lugares, converse e peça permissão. E caso seja negada, respeite, pois há lugares sagrados, e pessoas que não gostam de ser fotografadas.







B e m - v i n d o

À Terra Indígena  
**Araçá**

Comunidade Araçá, Guariba e Mangueira - Amajari - RR



A Terra Indígena Araçá possui área de 50 mil hectares, e localiza-se entre os rios Cauaruau, Amajari, e a rodovia federal BR-174, no Estado de Roraima.

Com uma população em torno de 2 mil pessoas, abriga as etnias Macuxi, Wapichana e Taurepang, das famílias Karib e Aruak.

A Terra Indígena, apesar de homologada, viveu conflitos criados por produtores rurais que se instalaram na região, e se recusavam a aceitar perder o território para os indígenas. A homologação garante sua ocupação coletiva, bem como a conservação de seus modos de vida tradicionais.



## Por que o território é importante para os povos indígenas?



Os povos originários da região habitam o território há muitos séculos. Originalmente seminômades, circulavam pela região caçando, pescando, plantando e coletando para a subsistência, que é o modo tradicional de vida das comunidades da região. Assim sendo, a posse do território é fundamental para que os povos originários preservem parte importante de seus saberes e fazeres tradicionais.

Além disso, a região abriga lugares sagrados desses povos, como a Loca da Cobra Grande, a Piscina de Macunaíma, a Pedra do Veado, a Pedra da Galinha e a Serra do Guariba, localizados nas três comunidades que desenvolvem o Turismo Comunitário na região: Araçá, Guariba e Mangueira.

Outra razão bastante importante para a demarcação de homologação de territórios indígenas, é que estudos realizados apontam que as Terras Indígenas são as áreas que melhor conservam a floresta e a biodiversidade no país.





*Terra Indígena do Araçá ao entardecer*

**“A terra é uma mãe, a terra é um aconchego, é a vida do Macuxi, porque sem a terra nós não poderemos ser nada. Eu vejo que a terra é uma vivacidade, é algo divino que Deus deu ao ser humano.”**

(Morador da Terra Indígena do Araçá não nomeado)  
Depoimento colhido por Dielci Bortolon, UNIVATES.



Logo no início de sua viagem é importante fazer algumas reflexões. Qual a imagem que você tem do indígena? Como ela foi construída? Quais as suas experiências em comunidades indígenas? Onde aprendeu sobre os povos originários?

*\* Precisamos conhecer sobre o conceito antropológico de quem é o indígena. Segundo a Funai (Fundação Nacional do Índio), "Identidade e pertencimento étnico não são conceitos estáticos, mas processos dinâmicos de construção individual e social. Dessa forma, não cabe ao Estado reconhecer quem é ou não indígena, mas garantir que sejam respeitados os processos individuais e sociais de construção e formação de identidades étnicas."*

*Assim, o critério para a identificação se dá pela autodeclaração e consciência de sua identidade indígena; e pelo reconhecimento dessa identidade por parte do grupo de origem.*

# Quem é o indígena?









## As pessoas deixam de ser quem são?

É comum ouvirmos que o indígena já não é mais o mesmo, pois, faz uso de bens de consumo de nossa sociedade, como roupas, telefone celular, automóvel, etc. Pensando sobre o conceito de identidade apresentado, isto faz com que o indígena deixe de ser quem é?

Vamos refletir! A cultura é viva, está sempre em movimento. Nas sociedades urbanizadas as transformações são muito dinâmicas, pois as tecnologias, a comunicação e as interações sociais mudam rapidamente.

Não falamos como há 5 anos, visto que surgiram novas palavras e gírias; não comemos como há dois anos, em razão de novos produtos industrializados chegarem ao mercado de consumo e mudarem os nossos hábitos alimentares; não nos vestimos como há um ano, já que a moda mudou; portanto, por que esperamos que os indígenas se mantenham como há séculos?

Precisamos compreender a característica dinâmica das culturas, e que as variações são naturais e intensificadas a partir das relações interculturais.

Assim, as identidades não se perdem, mas se transformam o tempo todo.











Elton taurepang às margens da Piscina de Macunaíma

# Qual a sua cosmogonia?

Cosmogonia ou cosmovisão são as narrativas que explicam a criação e a ordem do universo, bem como o surgimento dos seres humanos, portanto, é elemento estrutural e estruturante da cultura de um povo.

Para os povos indígenas da Amazônia Caribenha, de tradição karib – especialmente os macuxi, taurepang e ingarikó –, Macunaíma, filho de Wei, o Sol, forjou, num tempo antigo, o mundo como é hoje. Conforme revelam as tradições orais compartilhadas por esses grupos.

Entre diversas versões narrativas, contam que Macunaíma se deparou com uma cotia dormindo de boca aberta. Percebeu entre seus dentes vestígios de milho e frutas, que apenas ela conhecia. Perseguiu o animal e se deparou com a árvore Wazacá, em cujos galhos cresciam todos os tipos de plantas cultivadas e silvestres de que os índios se alimentam.

Macunaíma cortou o tronco que caiu para a direção nordeste. Nessa direção, portanto, teriam ficado todas as plantas comestíveis que se encontram até hoje, especialmente nas áreas cobertas de mata. Do tronco do Wazacá jorrou uma torrente de água que causou grande inundação naquele tempo primordial.

Segundo o mito, esse tronco é o Monte Roraima, de onde fluem os cursos d'água que banham o território tradicional desses povos. A história explica a origem do cultivo, que marca a humanidade, bem como de sua diferenciação étnica, expressa também na localização geográfica.

Fonte: Povos Indígenas no Brasil (ISA)



## Quem compreende respeita

Sabendo o que é a cosmogonia e o quanto ela influencia todos os povos na compreensão do mundo, fica mais fácil assimilar a diversidade da fé, das relações simbólicas, dos valores e dos usos e costumes de outras sociedades.

Assim, quando compreendemos que uma paisagem que é apenas bonita para nós, pode ser um lugar sagrado para outro povo, passamos a dar outro valor a ela e a respeitá-la.

O que é mito e lenda para alguns, é o elemento de fé de outros, portanto, é muito importante sabermos que a “verdade” pode ser diversa e múltipla, e o respeito às crenças do outro é sempre fundamental aos viajantes, bem como a todas as pessoas.

Aos povos indígenas da Amazônia Caribenha a cristianização foi imposta desde o século XVIII, no entanto, ainda que professem a fé cristã, mantêm suas tradições ligadas à cosmogonia.

Assim, na visita às comunidades indígenas ouvirá muitas histórias sobre Macunaíma, Jurupari, Canaimé, e os espíritos da natureza.

Portanto, mergulhe com alma e desfrute desta viagem em todos os seus aspectos. A melhor forma de conhecer um povo é descobrindo sobre sua cosmogonia.

## Lugares sagrados



## Serra do Guariba

O território para o indígena é muito mais que um espaço geográfico, é onde habitam os seres sagrados, os espíritos da natureza, e as entidades que podem causar o mal ou até mesmo a morte das pessoas.

A Serra do Guariba é casa da onça, mas também da Cobra Grande – segundo os antigos, um casal vivia lá e matava os caçadores que se aventuravam na região –, e pequenos seres encantados.

Alguns moradores do Araçá têm suas roças perto da serra, além das áreas de caça, portanto, são detentores de inúmeras histórias dos seres encantados.

Converse com eles. Pergunte sobre esses lugares e esses seres. Ouça as histórias com respeito, pois, ainda que não compartilhe das relações simbólicas e crenças da comunidade, é uma maneira de fazer uma imersão na cultura local.

E, você, tem seus lugares sagrados?



## Piscina de Macunaíma

Em tempos ancestrais, Macunaíma, que andou por todos os cantos, chegou à margem de um igarapé. Sentou à beira da rocha e enfiou os pés na água. No lugar que assentou, ficou uma marca côncava. Por isso, batizaram o local de Piscina de Macunaíma.

O lajedo de pedra, no ermo do lavrado, é um lugar mítico para os povos originários que vivem no Araçá, mas também um sítio lítico, onde povos ancestrais produziam ferramentas de pedra polida.

A marca côncava das nádegas de Macunaíma, impressa na rocha, era também onde os antepassados poliam as ferramentas (facas, machados, machadinhas).

Outras marcas, em forma de fendas, eram onde amolavam as peças líticas. Diversas ferramentas foram encontradas na região.

A Piscina de Macunaíma é um dos lugares mais importantes para os povos do Araçá. E o lugar, além do valor cultural e religioso, é também um convite ao banho.









# Saberes e fazeres





## Do barro à arte

Qual o VALOR de um artefato de barro?

Quais conhecimentos específicos são necessários para produzi-lo?

A produção de cerâmica é uma atividade ancestral e parte importante da cultura material das etnias Macuxi, Wapichana e Taurepang, habitantes da Terra Indígena do Araçá.

A tradição ensinada de geração para geração, traz em si saberes de séculos. Para fazer um objeto de argila – seja uma panela, seja um pingente – é preciso saber onde buscar o barro; é necessário aprender a escolher o barro certo; há de conhecer os rituais e as técnicas para tirá-lo e prepará-lo; tem de saber moldá-lo; e é vital dominar a queima.

Assim, além do esforço físico para caminhar até o lugar de onde se retira o barro, tirá-lo e carregá-lo para casa, é preciso um conjunto complexo de saberes para chegar ao produto final. Há rituais específicos, que devem ser seguidos à risca, para retirar e preparar o barro. É atividade que exige profundo respeito.

Mulheres em período do ciclo menstrual não podem extrair nem manipular o barro,

assim como pessoas de luto, pois os indígenas entendem que estas pessoas estão impuras. É preciso lidar com a argila com respeito, pois, para os povos originários, tudo na natureza é vivo e habitado por espíritos. Mulheres grávidas também não devem participar da atividade, pois os espíritos da natureza – o Dono do barro – podem se enfurecer.

Caso participe de uma vivência de artesanato numa comunidade indígena, deve observar e respeitar estes rituais, pois, para a experiência ser genuína, a imersão na cultura demanda respeito às tradições, mesmo que não compartilhe delas.



*Pingentes de barro – Comunidade Mangueira*





## Semente das Artes



O Semente das Artes é um projeto de Elton Taurepang, morador da comunidade Mangueira, da Terra Indígena Araçá, com o objetivo de produzir biojóias, isto é, adornos feitos de sementes colhidas na natureza.

Colares, pulseiras, brincos e braceletes, além, de objetos de decoração, são resultado dos saberes ancestrais atualizados e transformados.

Estes saberes consistem, em conhecer a época do ano em que dá a semente, o local onde encontrá-la, bem como o trabalho de recolhê-la e prepará-la para a produção das biojóias.

Portanto, quanto **CUSTA** um artesanato? Uma única peça carrega em si anos, décadas, séculos de tradição e conhecimento de um povo, além disso, o trabalho e o talento daquele que o produz.

Assim, devemos nos perguntar: qual o **VALOR** de um artesanato?

A Semente das Artes fica na entrada da comunidade Mangueira, e é aberta aos visitantes.





# Reflorestamento com Pau-rainha

Josiany Wapichana, professora da escola indígena da comunidade Guariba, criou um projeto de reflorestamento com o Pau-rainha, uma árvore da região amazônica que chega a atingir 40 metros de altura. Sua madeira é nobre e tem uma cor amarelo-alaranjada, o que a torna muito procurada por madeireiros.

O Pau-rainha é utilizado pelos povos originários da região para a construção da estrutura das malocas.

Com a instalação de fazendas na região do lavrado roraimense, o Pau-rainha foi escasseando. Portanto, o projeto de reflorestamento, que planta mudas da árvore no lavrado, é essencial para a sua recuperação.

Além do trabalho com o Pau-rainha, a professora Josiany Wapichana desenvolveu também uma horta comunitária para abastecer as famílias locais.

A autonomia na produção de alimento é importantíssima para estas comunidades. Quem sabe plantar o que come, tem segurança alimentar.

Você planta ou já plantou sua comida? Já parou para pensar sobre o valor disso?







# Parixara

O parixara é a representação da alegria. Ninguém dança quando há tristeza. Pintam-se com a energia do urucum, vestem-se, cantam e dançam. Em tempos passados, os homens saíam para caçar e quando retornavam eram recebidos com damurida, caxiri e a parixara. Hoje, muitas comunidades apresentam a parixara para dar boas-vindas aos visitantes.





*Pimenta biquinho*

# Pimentas e a jiquitaia

O protagonismo feminino é muito marcado na Terra Indígena Araçá. Há um grupo de mulheres muito ativas, que vêm transformando as comunidades locais.

A OMIR (Organização das Mulheres Indígenas de Roraima), e suas gestoras, têm um papel fundamental no desenvolvimento de atividades voltadas à economia solidária, a partir da organização das mulheres para o trabalho na roça, produção de artesanato, pecuária, etc.

Na comunidade Guariba, a coordenadora da OMIR, Norma Wapichana (foto na próxima página), implementou um projeto de roças de pimenta. Além do que produzem na roça comunitária, as mulheres plantam no quintal de suas casas.

Produzem diferentes espécies para fazer a jiquitaia, que é a malagueta – ou um misto de diversas espécies – reduzida a pó. Chegaram a plantar dezenas de espécies diferentes nas roças da comunidade. A jiquitaia, envasada em pequenas garrafas de vidro, é comercializada para gerar renda às mulheres.

Mas não é só das roças de pimenta que vivem as mulheres da OMIR. Cuidam dos tanques de piscicultura de tambaqui, do pequeno rebanho bovino coletivo, e de um projeto de avicultura que estão iniciando na comunidade. Portanto, o papel feminino ganha cada vez mais relevância na região. As mulheres estão à frente das atividades coletivas de geração de renda.

Para os povos originários da Amazônia Caribenha, a pimenta dá força e proteção, que parecem cada vez mais pujantes nas mulheres do Araçá.





*Norma Wapichana – Coordenadora da OMIR*







**"Antes de sair para caçar ou caminhar na mata, come-se pimenta. Assim, o caçador ou caminhante estará protegido dos animais perigosos e dos seres molestos."**



# A damurida é quente!

A damurida é o símbolo da culinária Macuxi. O prato é um ensopado de peixe – que também pode ser feito com carne de caça ou galinha – bastante condimentado. Geralmente, o peixe é moqueado antes de ir para a panela. Mas o segredo está no caldo, que contém um molho de tucupí bem apurado e bastante pimenta. Portanto, a damurida é “quente”. É comer e suar!





# “A DAMURIDA (em língua macuxi se chama “Tu’ma”)

Há muito tempo, quando nossos avôs caminhavam livremente por longo período pelos seus territórios ancestrais – quando não havia ainda contato com os karaiwayamî (colonizadores) –, pelos seus conhecimentos tradicionais, inventaram um jeito de conservar suas comidas, a carne de caça, pesca e outros insetos comestíveis, como as lagartas de maniva, moxivas, formigas manivaras, gafanhotos e tanajuras. Isso acontecia porque não havia sal para mantê-las conservadas.



Foi assim que nasceu o moquém, uma técnica de assar de forma lenta, com paciência e perfeição, na brasa, e pegando muita fumaça para dar tudo certo, ou seja, para não deixar queimar. Só depois de tudo moqueado ou desidratado que eram guardadas em cestos feitos de cipó, ou embrulhadas em folhas de bananeiras ou outras folhas largas como a de jenipapo ou kurawa. Serviam muitas vezes para viagens longas. A invenção da Damurida (tu’ma) surgiu a partir da necessidade de comer o beiju ou a farinha molhada, que conhecemos como Pirão.

A pimenta sempre acompanhou a culinária tradicional, por isso não poderia ser diferente com a damurida. Tinha que ser ardosa, porque acredita-se até hoje que, comer com pimenta servia para espantar o mau-olhado, assim como se acredita que servia para espantar espíritos da natureza que poderiam estar fazendo algum mal para os parentes de uma região, e para os que viajavam também. O uso da pimenta como alimento era indispensável. Usava-se também como remédio, e pelo grande pajé da aldeia para descobrir a morada dos espíritos maus.

Comer pimenta é um dos hábitos milenares adquiridos pelos indígenas. À damurida, acrescentavam diversos tipos de pimentas, como a do curupira, murupi, malagueta, olho de peixe, canaimé, etc... Depois, folhas da pimenta, tucupi, água, sal e, por último, o moqueado, carne fresca ou insetos. O prato era sempre acompanhado da farinha, do beiju e da bebida típica chamado de caxiri.

**“Não existiam pratos, colheres. Somente panelas de barro e colheres artesanais feitas de madeiras.”**

*Texto de Enoque Raposo, Macuxi da Terra Indígena Raposa Serra do Sol.*





# Mulheres do Araçá

A Terra Indígena do Araçá é lugar de mulheres guerreiras. Mulheres fortes, que decidiram assumir o papel de protagonistas da própria história, bem como de seu povo.

A batalha destas mulheres é por direitos, dentre eles o direito à vida e à integridade física. Mas hoje têm voz e conquistaram espaços políticos de luta.

A OMIR (Organização das Mulheres Indígenas de Roraima) é bastante consolidada no Araçá. Dona Odete Taurepang é coordenadora regional da entidade. Outra liderança política importante é Telma Taurepang (foto à direita), que foi candidata ao Senado por Roraima.

Portanto, hoje, as mulheres ganham espaço no processo de geração de renda, com seus trabalhos individuais e coletivos. É pelas mãos femininas que a economia solidária vem se consolidando no Araçá.





# Mulheres







**Fecomércio RR**



**Sesc**